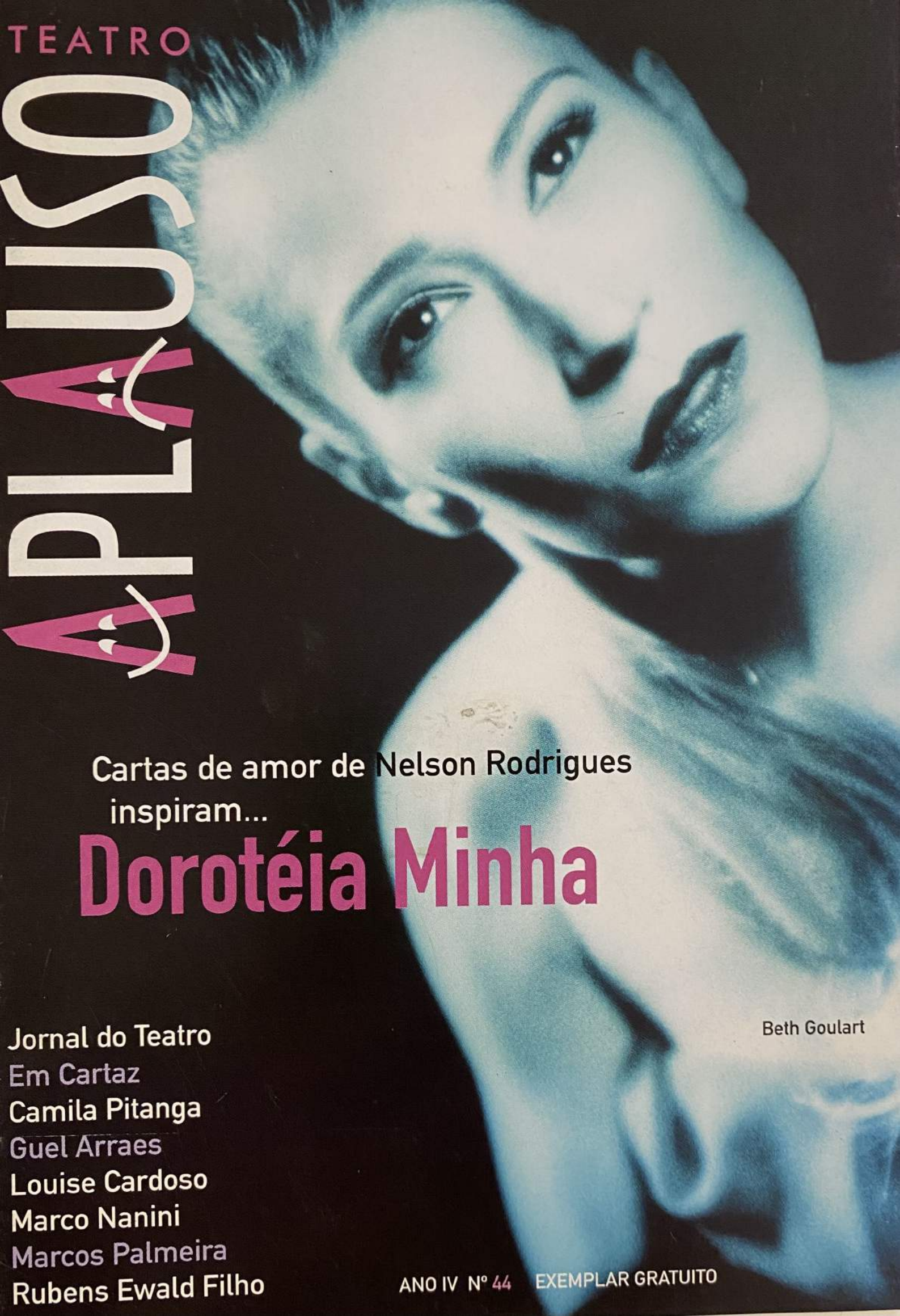
TEATRO
APLAUSO



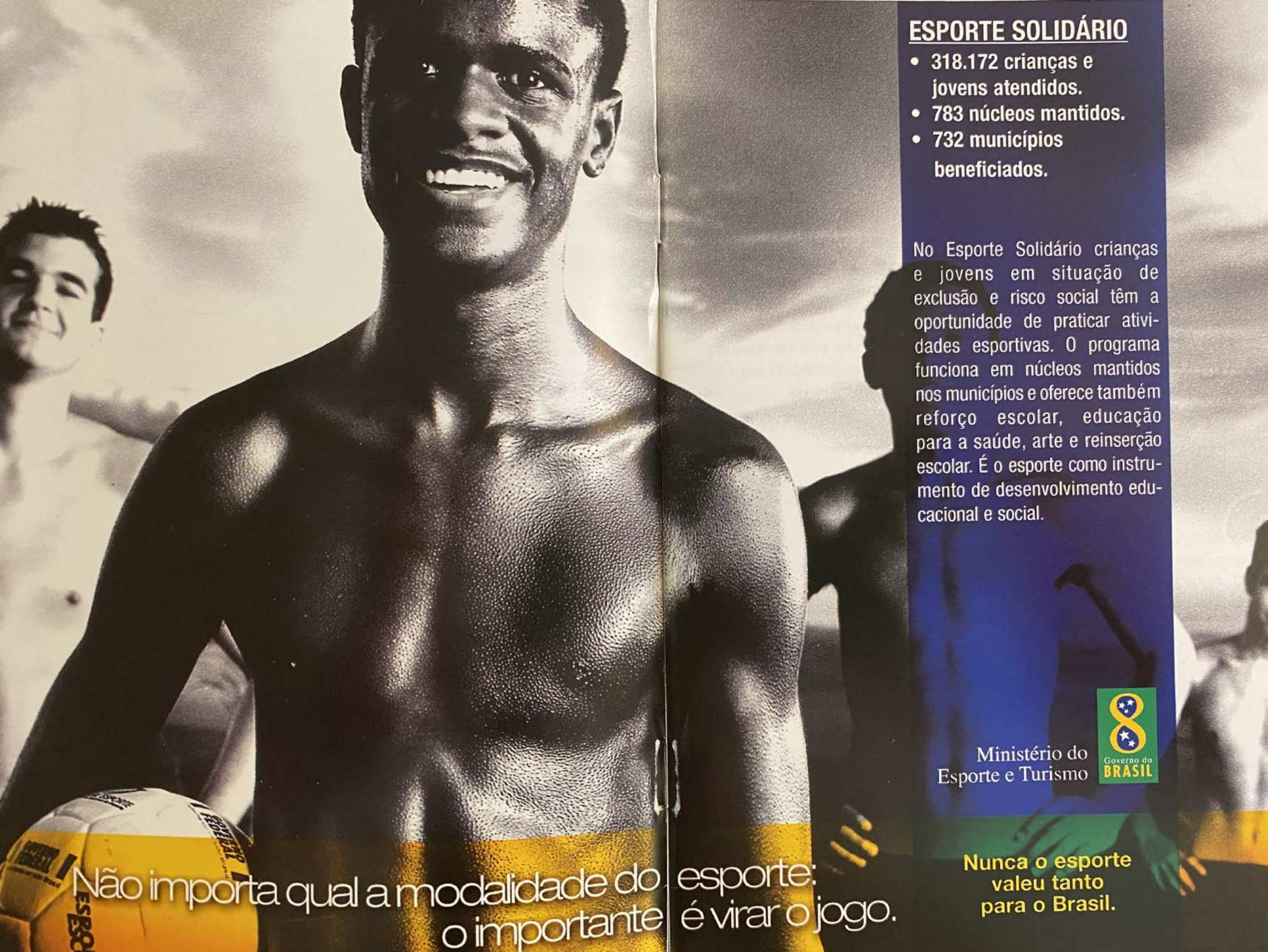
Cartas de amor de Nelson Rodrigues inspiram...

Dorotéia Minha

Beth Goulart

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Camila Pitanga
Guel Arraes
Louise Cardoso
Marco Nanini
Marcos Palmeira
Rubens Ewald Filho

ANO IV Nº 44 EXEMPLAR GRATUITO



ESPORTE SOLIDÁRIO

- **318.172 crianças e jovens atendidos.**
- **783 núcleos mantidos.**
- **732 municípios beneficiados.**

No Esporte Solidário crianças e jovens em situação de exclusão e risco social têm a oportunidade de praticar atividades esportivas. O programa funciona em núcleos mantidos nos municípios e oferece também reforço escolar, educação para a saúde, arte e reinserção escolar. É o esporte como instrumento de desenvolvimento educacional e social.

Ministério do Esporte e Turismo

Governo do BRASIL

Nunca o esporte valeu tanto para o Brasil.

Não importa qual a modalidade do esporte:
o importante é virar o jogo.

Inquietante

Amir Haddad prepara a estréia, para janeiro, de uma história de Giordino Bruno passada no século 16 e que poderia ser perfeitamente uma passagem dos tempos modernos. *O Vendedor de Velas* – com 30 atores em cena no Teatro Carlos Gomes – mostra os malandros que vivem nas favelas de Nápoles se vestindo de policiais para assaltar. É inquietante, segundo o diretor. O elenco, encabeçado por Tonico Pereira, Teresa Seiblitz e Leonardo Brício, terá Amir também no elenco, junto com o seu grupo Tá na Rua.

Tradição

O Teatro Copacabana, no Copacabana Palace, será recuperado em 2003. A mesma equipe que restaurou a fachada do hotel na Avenida Atlântica será a responsável pela obra. Agora é só torcer para que reabra rapidamente...

Auto de Natal para crianças

O coral dos Meninos do Salgueiro faz uma participação especial na peça *A Caminho de Belém*, auto de Natal inspirado em Mistério Medieval, de autor anônimo espanhol. No Teatro Ziembinski até o final de dezembro, conta a história dos meninos pastores de ovelhas que enganam e capturam o diabo. A adaptação e a direção são de Vivaldo Franco. Diversão garantida para as crianças. Agende-se!

Novo elenco

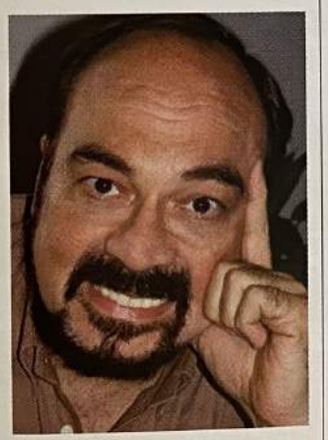
A história do casal que busca o grande amor, de *Pequeno Dicionário Amoroso*, volta aos palcos no Teatro dos Quatro. Jorge Fernando, que dirigiu Cláudia Jimenez e Ernani Moraes na primeira versão, explora um humor mais leve e menos caricato ao dirigir agora Cristiana Oliveira e Eri Johnson.

GOVERNO DO ESTADO RJ SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel e Tania Carvalho (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: Nana Moraes/divulgação.

O show tem que continuar



"Quando tenho a opção entre a Broadway e Hollywood, não hesito, prefiro sempre a mais viva, a mais real, a mais emocionante. Não troco a chance de ver um espetáculo ao vivo em Nova York pela oportunidade de ir a Los Angeles acompanhar uma filmagem ou entrevistar um ator. A experiência já me ensinou que a lenda de Hollywood está na minha cabeça, imaginação e memória. Visitá-la é sempre decepcionante. Não dá para recriá-la: nos filmes é sempre mais bonito. L.A. é apenas uma sucessão de municípios ligados por auto-estradas, os estúdios são grandes armazéns cercados de burocratas e maquiados de Disneylândia. Uma estética "fake" de parque de diversões . E mesmo os atores, prefiro vê-los no lugar certo e mais adequado, num palco, numa performance. Ator tem que representar, não dar entrevista. L.A. não é uma cidade para se ver teatro, tem pouco e medíocre. Embora Londres também seja uma boa e dispendiosa alternativa, nada para mim tem o encanto e a atração da Broadway. Quem sabe por aquelas centenas de filmes americanos que repisaram seus mitos e lendas, como "o show tem que continuar".

O fato é que pouca coisa na vida me dá mais prazer do que assistir a um show da Broadway. Pode até ser ruim, não importa. Nunca me arrependo, nunca me canso, especialmente agora que a última tendência bem sucedida é a de adaptar filmes: *The Producers/ Aprenda a Perder Dinheiro*, de Mel Brooks. *The Full Monty/ Ou Tudo ou Nada*, de Peter Cattaneo. *Hairspray*, de John Waters. *A Dança dos Vampiros*, de Polanski.

Na verdade, confesso, é difícil separar Broadway e Hollywood, ambos são parte de uma mesma ficção e fantasia. Só que a Broadway posso ver de perto, tocar, participar, tornar realidade o meu sonho."

Rubens Ewald Filho, dezembro de 2002

palavra de ator

Marcos Palmeira

Sem medo do risco

Marcos Palmeira: "o teatro é um exercício tentador"

Há exatamente vinte anos iniciei a minha carreira. Embora muitos me vejam como ator de televisão e de cinema, foi no palco que estreei, no mesmo Teatro Vanucci no qual me encontro agora em *Mais Uma Vez Amor*. No palco, me sinto muito confortável, embora saiba que corro riscos.

Há quem me pergunte por que sendo um ator, digamos assim, consagrado, me aventuro no teatro, pulo do trapézio sem rede. Ora, por isso mesmo, para levar esse risco ao extremo. Esse exercício com o público, o cotidiano no qual cada dia é diferente do outro, é muito tentador para qualquer ator. Além disso, o teatro permite um mergulho maior no personagem, que às vezes não é possível, por falta de tempo, no cinema e na televisão. Agora, por favor, sem preconceitos! Durante muitos anos houve um certo nariz torcido, como se o cinema e a televisão fossem artes menores. Cada um tem a sua força e a sua importância no processo de um ator.

Muita gente me conhece da televisão e não me vê como ator de palco. Preciso consolidar esse lado da minha carreira. Depois desse e petáculo pretendo partir para outra produçã Não quero parar, exatamente para constru um público que me acompanhe no teatro.

Para os que dizem que faço teat comercial, se eles viram a peça, se divertira e gostaram, ótimo! Não me sinto nem u pouco menosprezado com o adjetivo com cial. Se fizesse a peça só para ganhar nheiro, investiria na Bolsa, mas acho i portante que ela chegue às pessoas viabilize novos projetos.

Vinte anos se passaram, sei que fa sucesso, mas isso não é garantia de nad quantos grandes atores tiveram um perío áureo e depois enfrentaram dificuldade Sinto-me privilegiado por poder exercer meu ofício e espero continuar por mu tempo mais.

Noises off

Comédia elogiada em Londres chega ao Rio com Marco Nanini e Guel Arraes dividindo a direção.

Por Maria Lucia Rangel

Encenada pela primeira em Londres, em 1982, *Noises Off* (literalmente, Sem Barulho, mas até o fechamento desta edição ainda sem título em português), de Michael Frayn, autor de *Copenhague*, chega ao Brasil pelas mãos de Marco Nanini e Guel Arraes, que dividem a direção da comédia que permaneceu cinco anos em cartaz na Inglaterra e é considerada uma obra-prima da dramaturgia. A partir do dia 10 de janeiro, o grupo de atores encabeçados por Louise Cardoso, Enrique Dias, Malu Valle e Carvalhinho, sobem ao palco do Teatro Villa-Lôbos interpretando, cada um, dois papéis, já que se trata de uma peça dentro de outra.

Nanini não esconde o entusiasmo. Ao lado de Guel Arraes, com quem trabalha há 15 anos no teatro, cinema e televisão, ele fica desta vez longe do palco e dirige pela segunda vez a amiga Louise Cardoso. "O Nanini é o único diretor que me chama para fazer a empregada", ri a atriz, que lembra ser este um excelente personagem. "O difícil é tentar fazer a farsa inglesa de maneira brasileira. Estou estudando a chanchada. No primeiro dia de ensaio, as pessoas ficaram desesperadas porque eu era a própria Dercy Gonçalves", brinca Louise.

Desencontros em cena

Noises Off é sobre um grupo de atores incompetentes e desafortunados que tentam montar uma peça, chamada *Nothing on* (Nada ligado) e que depende de um desempenho afiado, com entradas, saídas e réplicas desenhadas com minúcia. O resultado desastroso pode ser percebido desde a primeira cena. "Faço a dona da companhia teatral, Glória Tibiriçá, já com seus 55, 56 anos, cheia de plásticas e atriz esquecida pela TV. Ela decide comprar uma fazendinha, e esta é a desculpa que dá para montar a peça, mas na realidade quer mesmo dinheiro. Na peça que ela decide montar, também sou a empregada inglesa. Tenho que compor a estrelíssima Glória e a sra. Claquett." Glória tem um caso com um galã ciumentíssimo (Enrique Diaz) e a partir daí o tumulto começa. "Sou o galã canastrão, um personagem com intenções eróticas", conta Enrique Diaz.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Carvalhinho, com 66 anos de carreira e pela primeira vez dirigido por Nanini, faz um ator alcoólatra que quer trabalhar, apesar de não ter mais idade para isso. Amigo da dona da companhia, consegue um papel, mas bebe nos intervalos dos ensaios provocando constrangimentos. "Gostei da peça, do elenco e da direção. Quando a Camila Amado me indicou, o Nanini respondeu: "manda vir". O elenco tem também Malu Valle, Bruce de Gowlevsky, Cláudia Mauro, Lívia Falcão e Flávio Bauraqui.

SUBMUNDO

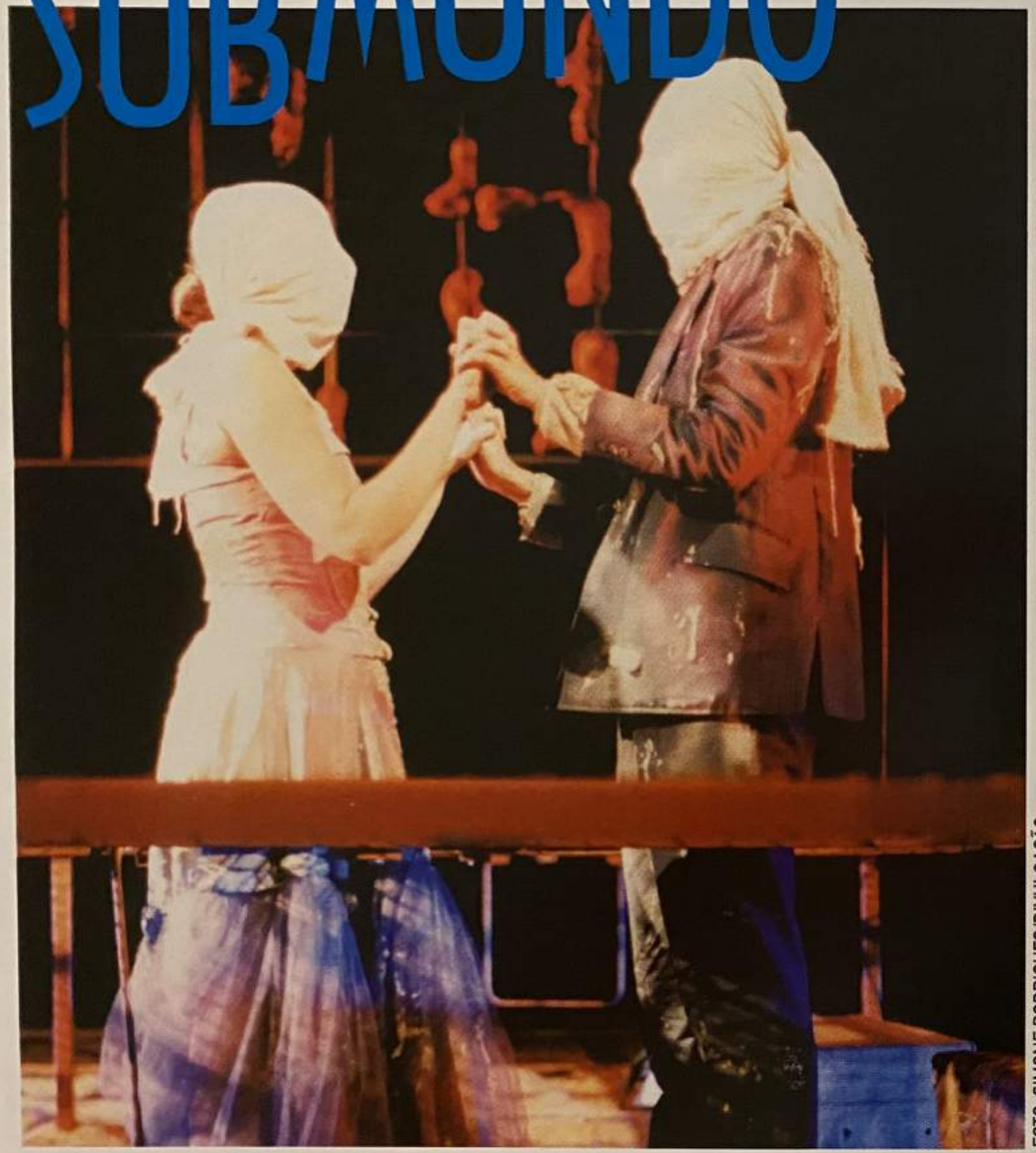


FOTO: SIMONE RODRIGUES/DIVULGAÇÃO

Para comemorar seus 15 anos, o Grupo Sobrevento leva ao palco música ao vivo, teatro, animação e dança.

O premiado Grupo Sobrevento preparou um espetáculo de animação sem precedentes para comemorar os 15 anos de carreira. O grupo carioca sobe ao palco do Teatro do Jockey com *Submundo*, sempre falando de questões relativas ao Terceiro Mundo. "Mas a nossa visão de Terceiro Mundo não é folclorizada ou mundo cão", diz Luiz Cherubini, um dos fundadores do Sobrevento junto com Sandra Vargas e Miguel Vellinho. "Falamos do assunto de maneira plástica, quase becketiana, e que se aproxima muito do realismo mágico."

De Frei Beto a Guimarães Rosa

Submundo começou a ser concebido há dois anos. É um espetáculo experimental, nada fácil tecnicamente, já que explora muitas técnicas diferentes, desde a folha de um jornal para criar bonecos até lenços que ganharão movimentos. Para entender como nasce um espetáculo, Cherubini explica que neste, por exemplo, a pesquisa começou pela leitura. "Naom Chomsky, Frei Beto, Emir Sater, *Grandes Sertões, Veredas*, o último discurso de Salvador Allende. A gente vai lendo tudo que se refere ao Terceiro Mundo, não só o Brasil mas também outros países. Depois começamos um trabalho de cruzamento dos textos." Ele admite que é trabalhoso e demorado e só pode ser feito porque a companhia é estável.

"Em abril do ano passado estivemos na Colômbia onde a dança típica é com lenços. Apesar de usarmos só alguns passos da dança colombiana, estamos usando os lenços. E assim a gente vai desenvolvendo nosso trabalho." Em várias cenas de passagem, os atores aparecem com os rostos cobertos por lenços. São quadros que compõem um ideário do Terceiro Mundo, como fome, guerrilha, miséria, machismo, mas tudo de maneira muito delicada, como enfatiza Cherubini.

Versatilidade

O cenário, de Daniela Thomas e André Cortez, revela a idéia de um mundo subjacente a um outro, através da utilização de dois planos: "É lindo, cerca de uma tonelada de ferro, coberta com uma malha de ferro e alçapões." A ação se passa sobre uma estrutura de ferro gradeada, a 80cm do chão. Sua preparação, no entanto, acontece ao nível de um piso coberto de areia, o mote que costura toda a peça. A comunicação entre os dois planos é feita através dos alçapões. "Começa em baixo, onde também sempre acaba a cena. Do pó viemos e ao pó voltaremos", exemplifica Cherubini. "As pessoas são chamadas para subir, é meio Beckett, e chamadas para voltar."

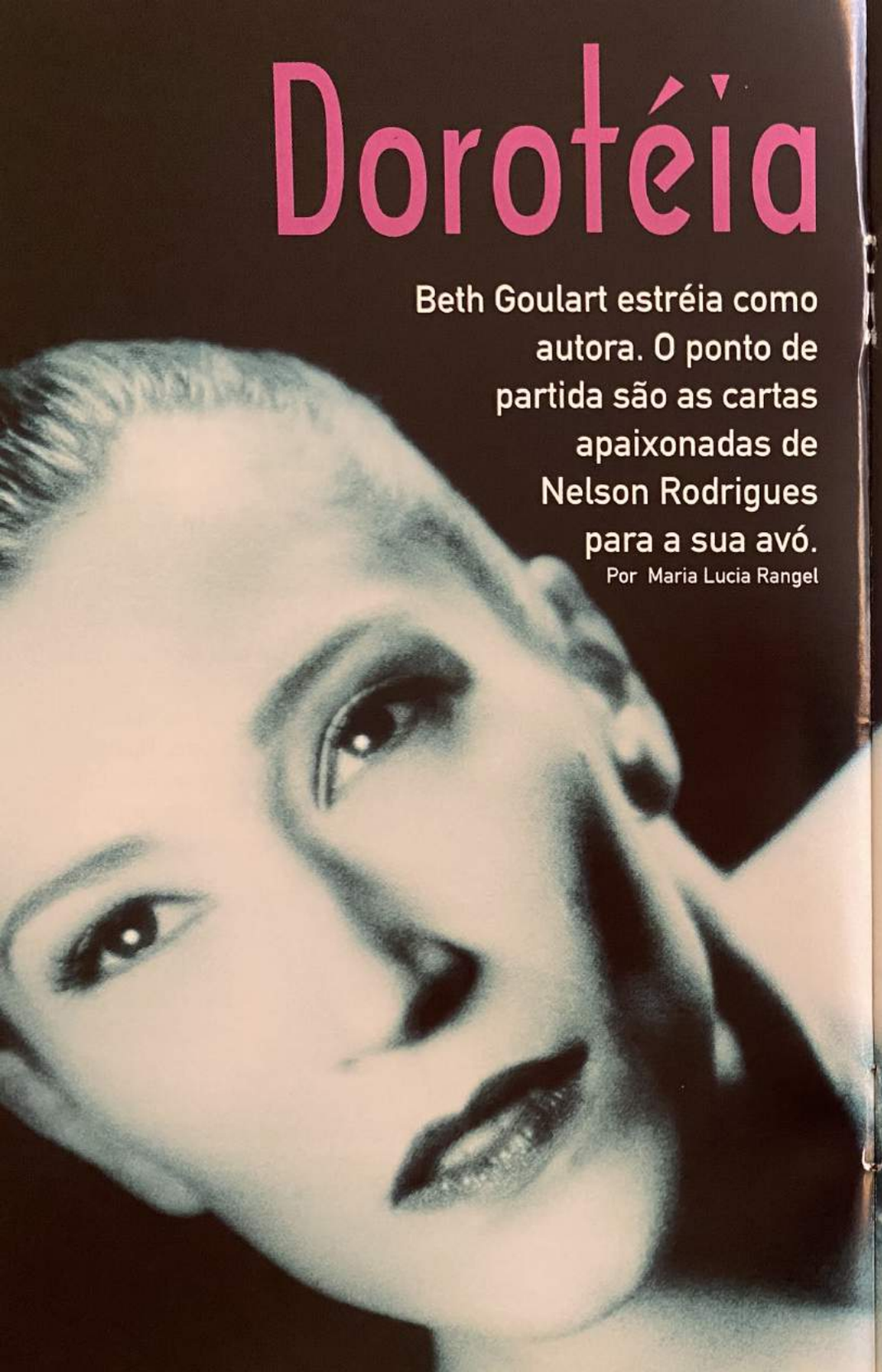
No palco, o violonista pernambucano Henrique Annes (autor da trilha sonora criada especialmente para o espetáculo) tocará acompanhado por músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira. "O Annes acabou mudando o espetáculo, porque esperávamos uma música incidental e ele apareceu com temas musicais. Está lindo."

Um dos orgulhos do grupo, e Cherubini não esconde a satisfação, é o fato de todos saberem e poderem fazer tudo. O figurinista Márcio Medina varou noites na máquina de costura consertando detalhes e fazendo peças. "É criação coletiva mesmo", diz ele.

Dorotéia minha

Beth Goulart estréia como autora. O ponto de partida são as cartas apaixonadas de Nelson Rodrigues para a sua avó.

Por Maria Lucia Rangel



Quando pensou em produzir a peça de Nelson Rodrigues *Dorotéia*, em 1990, Beth Goulart descobriu o livro com o texto original e uma dedicatória "incrível" para sua avó, a atriz e cantora lírica Leonor Bruno. Mais surpresa ainda ficou Beth ao ouvir da irmã "mas você nunca leu as cartas?". As mais de 20 cartas apaixonadas de Nelson Rodrigues para a avó inspiraram a atriz a escrever sua primeira peça, *Dorotéia Minha*. E é ela quem sobe ao palco do Teatro Villa-Lóbos, no monólogo dirigido por Victor García Peralta.

O espetáculo é também uma grande homenagem ao Nelson Rodrigues, admite Beth: "a escrita fala do universo dele, as virgens, profundezas do mar, as tias, as viúvas. Sou admiradora do Nelson e tive uma história pessoal com ele através da minha avó." A homenagem segue no título, pois Dorotéia é o nome do personagem criado por Nelson para a avó e que marcou a estréia de Leonor Bruno nos palcos.

FOTOS: NANA MORAES/DIVULGAÇÃO

Lirismo

Toda a linguagem do espetáculo concebido por Beth é extremamente poética, bem diferente dos textos de Nelson Rodrigues. A autora criou três personagens: Dorotéia e os protagonistas, identificados por Ele e Ela. "É um pouco uma inversão do *Vestido de Noiva*, onde uma burguesa encontra uma prostituta que perde o filho e rejeita o amor. A minha é o contrário, uma cantora que também é prostituta e que busca o amor."

A personagem Dorotéia é a única no plano real. Ele e Ela transitam no plano imaginário. "Ele fuma e bate à máquina, mas os objetos não existem. E tem toda uma linguagem corporal e musical. Márcia Rubin me ajudou com o corpo. O músico Zé Nogueira fez a trilha sonora. A peça não conta a história de amor vivida por Nelson e minha avó. É um romance que poderia acontecer com qualquer um de nós."

Beth Goulart vê alguns pontos em comum entre *Decadência*, peça que fez com o mesmo diretor, Victor Garcia Peralta, e sua *Dorotéia Minha*. É a personagem título que interage com a platéia. O figurino é básico, concebido por Sonia Tomé: uma calça preta aberta que pode ser movimentada. Já o cenário, assinado pelo diretor, usa o espaço cênico com um banquinho de madeira, uma caixa preta com uma vela, uma lanterna e um jarro d'água: "É meu segundo solo", diz Beth. "Mas no teatro nunca estamos sozinhos. Enquanto houver uma pessoa na platéia e um ator no palco, ele existe."

A Rua da Amargura

20 ANOS DO GRUPO GALPÃO

Turnê comemorativa chega ao Rio com peças e exposição de painéis fotográficos.

Quando os atores Eduardo Moreira e sua mulher Wanda encontraram-se com Teuda Bara e Antonio Edison em março de 1982, em Belo Horizonte, numa oficina de teatro dirigida pelos alemães George Froscher e Kurt Bildstein, não podiam imaginar que estavam iniciando um percurso teatral de sucesso internacional, sempre com grandes platéias. Vinte anos depois, eles comemoram a data transformando o aniversário do Grupo Galpão num grande evento, no Espaço dos Correios e no Teatro João Caetano, apresentando os últimos espetáculos do grupo e uma exposição composta por grandes painéis fotográficos e alguns projetos dos espetáculos do repertório.

"As peças escolhidas têm em comum uma linguagem muito popular", diz Eduardo Moreira. "São trabalhos feitos com vários diretores e em todos eles os atores tocam e executam música. O traço mais marcante é o teatro popular."

A família na mira

As apresentações, geralmente de três ou quatro dias, começaram no final de novembro com *Romeu e Julieta*, com concepção e direção de Gabriel Villela, que tornou O Galpão reconhecido tanto no Brasil quanto no exterior. E continuou com *Um Molière Imaginário*, dirigido por Eduardo Moreira. As duas peças foram apresentadas no Espaço dos Correios. A partir deste mês, o grupo leva para o palco do Teatro João Caetano *A Rua da Amargura*, com concepção e direção de Gabriel Villela, de 5 a 8 de dezembro. *Partido*, com direção de Cacá Carvalho, de 12 a 15 de dezembro. E *Um Trem Chamado Desejo*, dirigida por Chico Pelúcio, de 19 a 22 de dezembro.

Encerrando o atual ciclo, Eduardo conta que o grupo já começou a trabalhar num novo projeto, com o diretor Paulo José. "Estamos estudando textos sobre a família, coincidentemente tão comentada na imprensa atualmente. Temos dois textos de Jose Ruibal sobre um filho que cega a mãe e um outro que mata o pai. Lemos também a história do irmão que corta a cabeça do outro, de Jacques Prévert, bem cômico, mas é tudo para o ano que vem. Este ano é de comemoração."

FOTOS: GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO

Um Trem Chamado Desejo

D. João VI

Desenho do cenário

Brasil e Portugal se reúnem para contar a vida frustrada e trágica do imperador.

O autor e diretor português Helder Costa utilizou a História como texto e pretexto para escrever *D. João VI*. De forma irreverente, ele trata da relação Brasil/Portugal e comemora os 10 anos da Companhia Ensaio Aberto dirigindo atores brasileiros na montagem que estréia dia 8 de janeiro no Centro Cultural Banco do Brasil.

Em 1980, quando foi convidado por Sérgio Brito para dirigir *A Morte Acidental de um Anarquista*, no Teatro dos Quatro, Helder teve como assistente Luiz Fernando Lobo, um dos fundadores da Companhia Ensaio Aberto. Era a estréia profissional do brasileiro e os dois ficaram amigos. Em 1999, Helder convidou a Companhia Ensaio Aberto para encenar *Os Companheiros*, em Portugal. E a idéia de retomarem a parceria foi articulada.

"Quando Helder voltou ao Brasil para encenar *D. João VI* com seu grupo A Barraca, a montagem foi um sucesso estrondoso. E eu fiquei com aquele desejo de montar a peça", conta Luiz Fernando, que está no elenco. "O texto conta a vida de D. João desde moço, a fuga para o Brasil, a independência."

Traições na Corte

Helder fez uma pesquisa histórica profunda e teve como fonte principal o livro El-Rei Junot, do escritor e historiador português Raul Brandão. "A peça causou polêmica em Portugal", diz Helder.

A peça conta, algumas vezes de forma humorada, outras de forma dramática, as intrigas que levaram ao trono um Infante despreparado para assumir o poder. As pressões sofridas por parte da Inglaterra, França e Espanha levam o regente a tomar decisões polêmicas. E o jogo de poder na Corte de Portugal, somado às intrigas golpistas de Carlota Joaquina e seu filho D. Miguel (que, segundo o próprio D. João VI, não era filho dele e sim do Marquês de Marialva com Carlota), transformam o reinado do Imperador num inferno pessoal, que culmina em seu assassinato.

"O que mais me fascinou ao escrever foi a personalidade de D. João", admite Helder. "Passou a vida inteira juntando cacos e tentando neutralizar situações com a Inglaterra, por exemplo. Culminou com Carlota Joaquina."

Luiz Fernando explica que a peça não tem nada a ver com o filme de Carla Camurati, apesar do tom de comédia. "Não tem o escracho. A peça é engraçada pelas situações. Vamos excursionar pelo Brasil depois da temporada carioca e, mais adiante, talvez para Portugal."

No elenco, Rogério Freitas (D. João VI), Ivone Hoffman (Carlota Joaquina), André Valli, Flávio Migliaccio, Ivone Hoffman, Carlos Gregório, Tuca Moraes.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

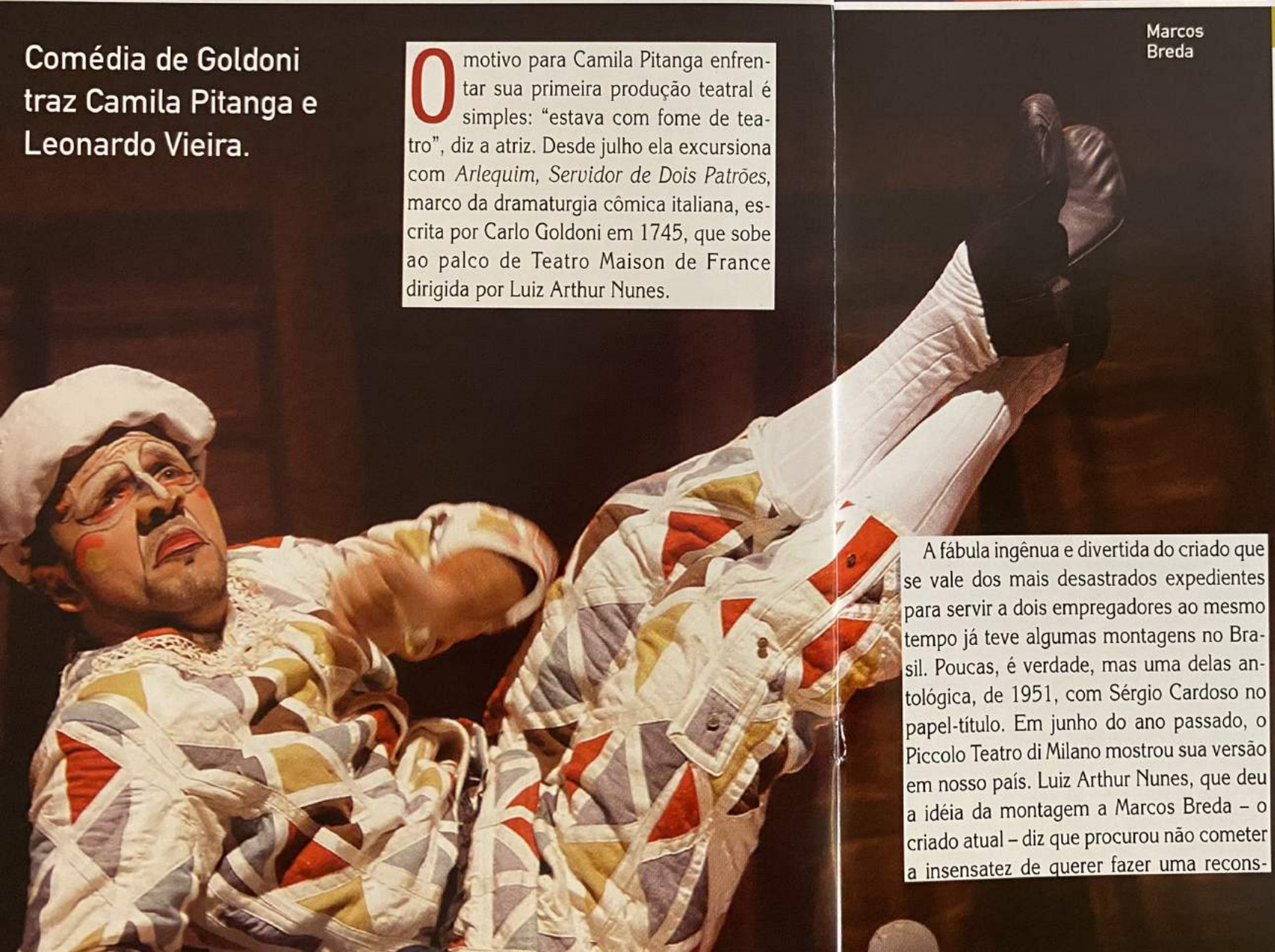
Arlequim, Servidor de Dois Patrões

Camila Pitanga

titução histórica da commedia dell'arte. "E nem é esta a nossa tradição. Minha preocupação foi reconstituir o histrionismo, o cômico popularesco de fácil comunicação, o aspecto físico – o espetáculo é quase acrobático, a interação entre atores, as gags que lembram palhaços, o cinema mudo."

Comédia de Goldoni traz Camila Pitanga e Leonardo Vieira.

O motivo para Camila Pitanga enfrentar sua primeira produção teatral é simples: "estava com fome de teatro", diz a atriz. Desde julho ela excursiona com *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, marco da dramaturgia cômica italiana, escrita por Carlo Goldoni em 1745, que sobe ao palco de Teatro Maison de France dirigida por Luiz Arthur Nunes.


Marcos Breda

A fábula ingênua e divertida do criado que se vale dos mais desastrados expedientes para servir a dois empregadores ao mesmo tempo já teve algumas montagens no Brasil. Poucas, é verdade, mas uma delas antológica, de 1951, com Sérgio Cardoso no papel-título. Em junho do ano passado, o Piccolo Teatro di Milano mostrou sua versão em nosso país. Luiz Arthur Nunes, que deu a idéia da montagem a Marcos Breda – o criado atual – diz que procurou não cometer a insensatez de querer fazer uma recons-

Trabalho de base

O grande orgulho do diretor, que já excursionou com *Arlequim, Servidor de Dois Patrões* por alguns estados, foi ter conseguido passar com clareza um drama muito elaborado, cheio de descobertas. "O público ri muito da história. Nos diferentes cenários (de Rosa Magalhães) acontece a ação dramática extremamente movimentada, gerando uma comunicação impressionante."

Para chegar a este resultado, a equipe de 11 atores ensaiou três meses e mergulhou no universo da commedia dell'arte, sob a orientação de duas especialistas no teatro cômico popular: a dramaturgista Beti Rabetti, da UniRio, e a atriz e professora Tiche Vianna, que ministrou duas oficinas práticas sobre a utilização de máscaras, do corpo e da voz na construção dos personagens-tipo.

A peça tem também os atores Ernani Moraes, Carolyna Aguiar, Leonardo Vieira, Mario Borges, Guilherme Piva, Anderson Müller e Carol Machado. Além de música original de João Carlos Assis Brasil, figurinos de Coca Serpa e trabalho da visagista Mona Magalhães, que trabalhou em cima do conceito de máscara viva, recriando no rosto do atores os traços dos personagens-tipo. Para fechar a equipe, a peça tem a tradução primorosa de Millor Fernandes.

Só para crianças...

... mas os pais podem acompanhar! As férias estão chegando e o teatro infantil agiliza as produções. Recomendamos três espetáculos variados não só no tema, mas também na técnica. Programe-se!

Por Maria Lucia Rangel

A Menor Máscara do Mundo

Oito palhaços transformam situações simples e cotidianas em fatos surpreendentes. E é o nariz vermelho do palhaço a menor das máscaras cênicas. *A Menor Máscara do Mundo*, com a Companhia do Gesto, está na Casa de Cultura Laura Alvim, com roteiro de Dácio Lima e Luís Igreja. A direção é de Luís Igreja.

Um simples tropeço, a vontade de comer um pão ou uma dancinha enamorada se transformam em fatos surpreendentes na encenação de sete palhaças e um palhaço. A linha de pesquisa desenvolvida pelo grupo há 17 anos é aprofundada com opção por jogos teatrais pouco habituais, como a exploração maior da comunicação gestual, ao invés da palavra.

O Velho da Horta

SIMONE RODRIGUES/DIVULGAÇÃO

Miguel Vellinho aproveita os 500 anos de *O Velho da Horta*, do português Gil Vicente, e transpõe o universo do autor para o Teatro de Bonecos. O espetáculo infantil está no Teatro do Jockey com a Cia Pequod, criada em 1999 dentro do Grupo Sobrevento, do qual Vellinho é um dos fundadores.

A peça explora a manipulação direta, derivada do Bunraku japonês, técnica que permite movimentos bem naturais. Os bonecos podem ser manipulado por uma, duas e até três pessoas. Neste espetáculo quatro manipuladores se revezam entre os oito personagens. A farsa, escrita em 1512, conta as peripécias de um amor frustrado, onde o protagonista, um sessentão e proprietário de uma horta, se apaixona por uma jovem compradora. O grupo explora pela primeira vez o realismo, daí o cenário de Carlos Alberto Nunes mostrar uma horta em miniatura, onde os bonecos colhem legumes, frutas e verduras, podam flores e ajeitam a terra para a próxima estação. O clima bucólico é complementado por um pequeno lago.

ANTONIO GUERREIRO/DIVULGAÇÃO

As Virtudes

Diretora premiada, atriz e autora infantil, Sura Berditchevsky se inspirou na obra *O livro das virtudes para crianças*, de William J. Bennett, compilação de textos clássicos do folclore mundial, para selecionar e dirigir cinco histórias escritas para serem contadas no palco. A peça está em cartaz no Teatro Cândido Mendes e conta a história de duas crianças que ganham um livro, mas como ainda não sabem ler direito, os pais dramatizam o texto para que o entendam melhor. No elenco, Cícero Raul e Sara Lavigne são os pais. Natasha Berditchevsky e Leandro Correira, os filhos.

As cinco histórias são temáticas. *O pequeno herói da Holanda* fala de coragem. *A tartaruga e a lebre*, da perseverança. A fé é o tema de *Alguém está vendo você*. *A galinha ruiva* trata do trabalho. E a amizade, a humildade e a disciplina estão em *O Canto do poeta*, com poesias de Olavo Bilac, Cecília Meirelles, Vinícius de Moraes e Henriqueta Lisboa.

A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

Adaptação de Fauzi Arap do romance de Clarice Lispector. Uma mulher fica abalada ao encontrar uma barata no quarto da empregada. Direção de Enrique Diaz. Com Mariana Lima. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua 1°. de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$10. Até 15 de dezembro.

A RUA DA AMARGURA

Concepção e direção de Gabriel Villela para o Grupo Galpão, retratando os 14 passos lacrimosos sobre a vida de Jesus. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 2221-0305. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 e R$5 (meia). De 5 a 8 de dezembro.

AI! FUGIR, CASAR OU MORRER

Peça de Raymundo Magalhães Jr. sobre infidelidade conjugal. Direção de Luiz Osvaldo Cunha. Elenco: Thais Portinho, Jorge Cherques, Marcelo Picchi e Luciana Fintenelle. **Teatro Posto 6** (Rua Francisco Sá, 51, Copacabana). Fone: 2287-7496. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 15 de dezembro.

ARLEQUIM, SERVIDOR DE DOIS PATRÕES

Commedia dell'arte escrita em 1745 por Goldoni, sobre as trapalhadas do arlequim que trabalha para dois empregadores. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Marcos Breda, Camila Pitanga, Ernani Moraes, Leonardo Vieira. **Teatro Maison de France** (Av. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. De quinta a domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$20.

ATACADO & VAREJO

Primeiro texto adulto de Sura Berditchevsky, que protagoniza e dirige a história da professora aposentada que abre o próprio negócio, mostrando o cotidiano da classe média. Com Mônica Martelli, Waleska Arêas. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2276-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25.

BOCA DE OURO

A Grutta Teatral e Os Hipócritas Cia. de Teatro se uniram para comemorar os 90 de Nelson Rodrigues. A história fala de amor, traição e poder no subúrbio carioca. Direção de Marco Accioli. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Sexta, sábado e domingo, 20h30. R$12. Até 22 de dezembro.

CAIXA 2

Comédia de Juca de Oliveira sobre alguns absurdos vividos pelo brasileiro. Direção de Fauzi Arap. Elenco: Mauro Mendonça, Oswaldo Loureiro, Leka Bigliomini. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$15.

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Comédia de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella sobre um banqueiro que planeja fugir do país depois de um gigantesco golpe. Direção de Miguel Falabella. Com José Wilker, Natália do Valle, Ney Latorraca. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$30 (qui., sex. e dom.) e R$40 (sáb.).

CONSTELLATION: O MUSICAL

Com texto de Cláudio Magnavita, o musical faz uma homenagem aos anos dourados do Rio de Janeiro, entre as décadas de 50 e 60. Direção de Eduardo Loyola. Com Patrícia Levy, Adriana Quadros. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$30.

D. JOÃO VI

Texto e direção de Helder Costa, onde D. João VI conta, de forma humorada e também dramática, as intrigas que o levaram a assumir o poder. Elenco: André Valli, Flávio Migliacio, Ivone Hoffman, Carlos Gregório, Rogério Freitas e atores da Companhia Ensaio Aberto. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Av. 1°. de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$10. Estréia 8 de janeiro.

DOROTÉIA MINHA

De Beth Goulart, inspirada nas cartas de amor que Nelson Rodrigues escreveu para Eleonor Bruno, avó da atriz. Direção de Victor Garcia

Peralta. **Espaço III do Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 430, Copacabana). Fone: 2541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$12 (qui.), R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

EU TE AMO. VOCÊ É PERFEITA. AGORA MUDA!

Comédia musical de Joe Di Pietro, com versões de Aloísio de Abreu, mostrando em 18 esquetes os problemas do homem moderno. Direção de Wolf Maia, que atua ao lado de Danielle Winits, Sylvia Massari, Aloísio de Abreu. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui. e sex.), R$35 (dom.) e R$40 (sáb.).

FÉ NA PARADA

Texto de Rogério Blat sobre uma mulher simples e ignorante, mas cheia de fé e esperança. Direção de Ernesto Piccolo. Com os alunos das Oficinas de Criação de Espetáculo. **Teatro Ziembinski** (Av. Heitor Beltrão, s/n, Tijuca). Fone: 2254-5399. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

HOMEM OBJETO

Escrito por João Falcão e Luiz Fernando Verissimo, o espetáculo teatral multimídia trata das agruras masculinas. Direção de João Falcão. Com Lucio Mauro Filho, Bruno Garcia e Aramis Trindade. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.)

MAIS UMA VEZ AMOR

Texto de Rosane Svartman sobre os encontros e desencontros de um casal. Direção de Ernesto Piccolo. Com Luana Piovani e Marcos Palmeira. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

NOISES OFF

Comédia farsesca de Michael Frayn combinando ingredientes dramáticos como amor, mentiras, fraudes e mal-entendidos. Direção de Marco Nanini e Guel Arraes. Com Louise Cardoso, Enrique Diaz, Malu Valle, Cláudia Mauro. **Sala I do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui., sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

OS MELHORES ANOS DE NOSSAS VIDAS

Texto de Domingos de Oliveira sobre os conflitos de um grupo de jovens nos anos 50. Direção de Domingos de Oliveira e Cristina Bethencourt. Elenco: Pitty Webbo, Léo Fuchs. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 15 de dezembro.

OS SETE AFLUENTES DO RIO OTA

Texto de Robert Lepage dividido em duas partes, começando em Hiroshima, após a explosão da bomba atômica, e atravessando o século 20. Direção de Monique Gardenberg. Elenco: Beth Goulart, Giulia Gam, Caco Ciocler, Caio Junqueira. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Av. 1º. de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Parte 1: quarta e sexta, 19h. Parte 2: sábado, 19h, domingo, 17h. e 20h. R$10. Até 15 de dezembro.

PARTIDO

Baseado no romance de Italo Calvino. Um homem volta da guerra trazendo só sua pior metade. Direção de Cacá Carvalho, com o Grupo Galpão. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-0305. De 12 a 15 de dezembro. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$10 (inteira). R$5 (meia).

PEQUENO DICIONÁRIO AMOROSO

Adaptação e direção de Jorge Fernando do filme de Sandra Werneck, sobre um casal em busca do grande amor. Elenco: Cristiana Oliveira e Eri Johnson. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

RAUL FORA DA LEI

A história de Raul Seixas, com textos e músicas do compositor e cantor. Direção de José Joffily. Com Roberto Bomtempo e a banda M-743. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado,

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 15 de dezembro.

SUBMUNDO

Espetáculo comemorativo dos 15 anos do Grupo Sobrevento, misturando animação, teatro, dança e música ao vivo. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. De sexta a domingo, 21h. R$15. Estréia: 9 de janeiro.

TERESA DE ÁVILA, A SANTA DESCALÇA

Monólogo de Fidelys Fraga que apresenta uma dimensão humana e feminina da vida de Teresa de Ávila. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Rita Elmôr. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terças e Quartas, 21h. R$20.

TODO MUNDO TEM PROBLEMAS SEXUAIS

Comédia de Alberto Goldin e Domingos de Oliveira baseada nas crônicas do psicanalista. Direção de Domingos Oliveira. Com Pedro Cardoso, Ludmila Rosa. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea. Fone: 2540-6004. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$30 (sex. e dom.) e R$35 (sáb.). Até 15 de dezembro.

UM BANDO CHAMADO DESEJO

Criação da Cia Teatro Autônomo sobre o desejo e a morte, conflito que chega ao limite da perversidade humana, pois a consumação do objeto desejado ignora toda e qualquer convenção. Direção de Jefferson Miranda. **Espaço Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 15 de dezembro.

UM TREM CHAMADO DESEJO

Comédia musical sobre uma companhia de teatro decadente que atrai para seus quadros pretensos artistas. Argumento do Grupo Galpão, direção de Chico Pelúcio, Trilha Sonora de Tim Rescala. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-0305. De 19 a 22 de dezembro. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 21h. R$10 (inteira) e R$5 (meia).

não perca

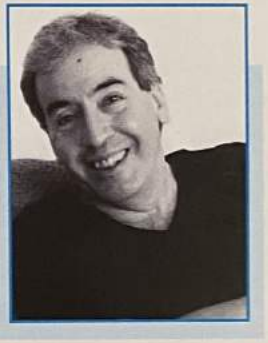
O espectador assistiu, gostou e indica

Capitanias Hereditárias

"Uma comédia divertida, interpretada por atores maravilhosos. É sempre muito prazeroso ver bons atores no palco. No elenco estão José Wilker, Natália do Valle e Ney Latorraca."

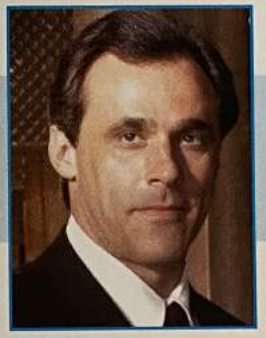
Lília Cabral, atriz

Grupo Galpão



"Quem ama teatro não pode perder o Festival dos 20 anos do Grupo Galpão, um pólo contínuo de criatividade e de profissionalismo. Cada espetáculo é um jorro de emoção. Ver o Galpão em cena é uma grande oportunidade de mergulhar de cabeça no melhor do teatro brasileiro. "

Alcides Nogueira, autor teatral e de novelas



Mais Uma vez Amor

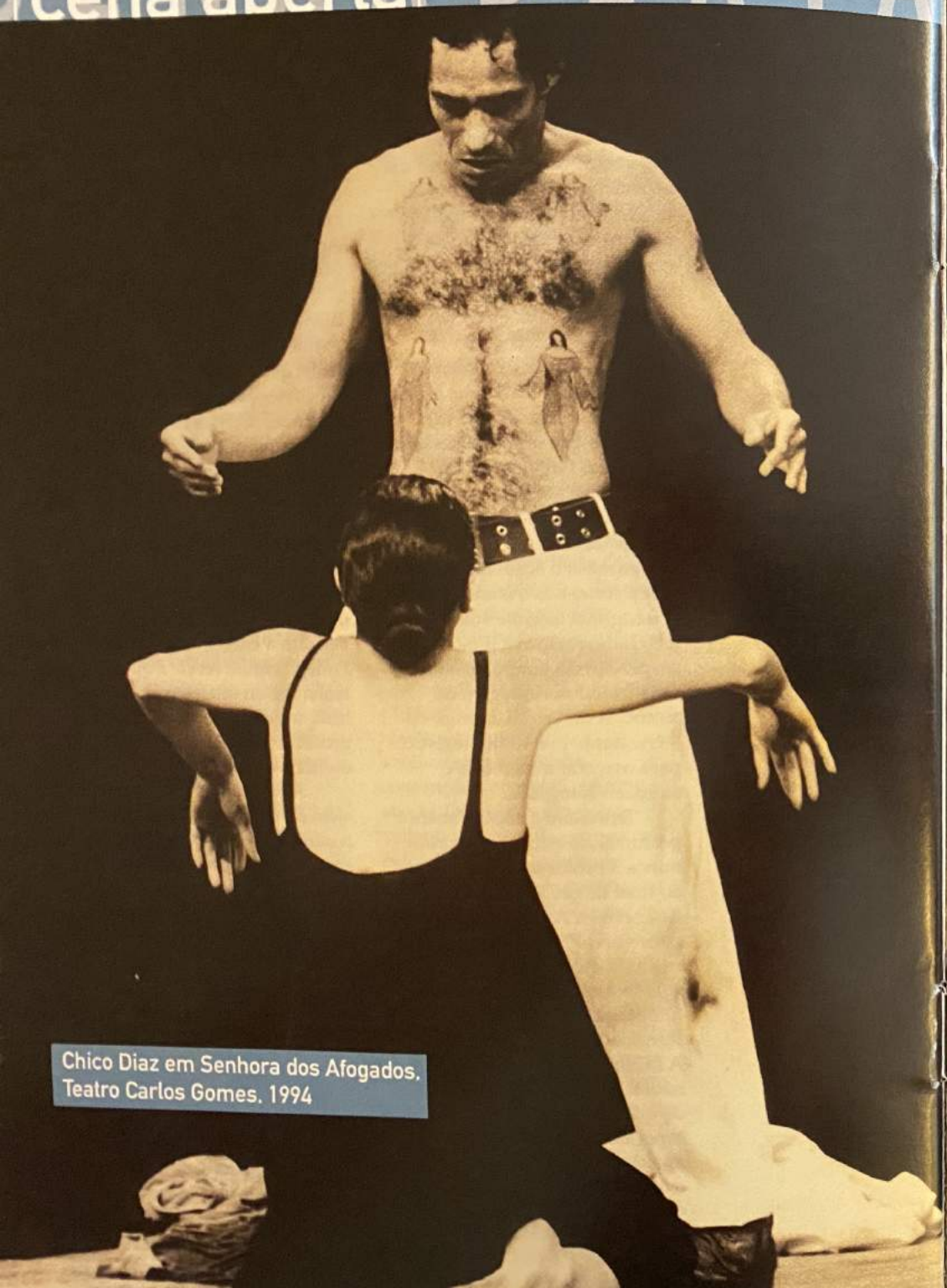
"Achei muito interessante o texto e como o Ernesto Piccolo dirigiu a peça. A Luana Piovani e o Marquinhos Palmeira dão um show. Vale a pena!"

Oscar Magrini, ator

A Paixão Segundo GH

"Um espetáculo para os que amam Clarice Lispector e também para os que não conhecem as palavras da escritora. A jovem atriz Mariana Lima consegue transmitir tudo, todas as emoções de um personagem que deveria ser feito por uma atriz muito mais velha. Uma abusada! É prazer garantido!"

Cássia Kiss, atriz



Chico Diaz em Senhora dos Afogados. Teatro Carlos Gomes. 1994

Homem Objeto

um espetáculo de

João Falcão

baseado na obra de

Luis Fernando Veríssimo

A partir do dia 3 de Janeiro

Teatro das Artes - Shopping da Gávea

Rua Marquês de São Vicente 52 - 2° piso / Tel 2540-6004

Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso.

De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45, tem o Compacto da Semana.

multi show
CANAL GLOBOSAT